

Eixo 1: Designar, classificar, ordenar as novas problemáticas educacionais

Escola para quê? Como pensar a disciplina na escola indisciplinada.

Os casos de indisciplina escolar veem se tornando eventos cada vez mais frequentes no interior das escolas de diversas localidades e culturas. De acordo com Boarini (2013), a indisciplina escolar é um fenômeno sem nacionalidade, endereço e classe social. O tema encontra quase sempre espaço nas pautas de reuniões escolares, aparecendo como um dos principais elementos complicadores da prática pedagógica da sala de aula e como um grande obstáculo na relação professor - aluno (AQUINO, 2003).

O desafio da sala de aula, com sua pluralidade de personalidades, torna-se ainda maior quando as práticas pedagógicas encontram como concorrentes, ações que promovem o desarranjo das normas estabelecidas, ou que simplesmente, denotem o desconhecimento delas (TAILLE, 1994). No entanto, cabe aqui ressaltar que as ações consideradas infringentes às regras de condutas escolares são variáveis, de acordo com as normatizações estabelecidas por cada escola. Sendo assim, por exemplo, o ato de não abrir o caderno na hora exigida ou de não responder a algum questionamento faz da disciplina uma discussão complexa, em virtude das suas inflexões e singularidades a que está sujeita em cada microcontexto.

Dessa forma o objeto principal da pesquisa é analisar os aspectos que formam o conceito disciplinar, e mais do que isso, a discussão da disciplina como expressão de poder, frente às transformações políticas e sociais contemporâneas, que sugerem uma contraposição, uma resistência às regras estabelecidas no interior da escola.

Foucault afirma que:

Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina (...) (2012, p. 262).

Assim, entende-se que a indisciplina pode ser compreendida como poder de resistência (FOUCAULT, 2013), fazendo parte da composição das relações de poder existentes na escola. Portanto, cabe esclarecer que as relações de poder estão em toda parte, não se localizando em um "ponto específico da estrutura social" (Ibid, p. 17). Nesse sentido, ninguém está isento dos seus mecanismos e, portanto, o poder não pode ser traduzido em algo que se possa possuir. Para Foucault (Ibid, p. 17), "o poder não existe; existem práticas ou relações de poder". É a partir dessa perspectiva relacional que as lutas pelo o exercício do poder são praticadas em seu próprio interior, sendo o poder de resistência mais uma face do próprio poder.

Segundo Foucault:

O principal objetivo dessas lutas é atacar, não tanto "tal ou tal" instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder. Essa forma de poder aplica-se à vida cotidiana, que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm de conhecer nele de verdade. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. (1982, p. 273)

Nessa concepção a escola se consolida como local de disputa e luta entre as relações de poder que nela circulam, traduzida pelo aumento de sujeitos que não se submetem às regras disciplinares da escola que homogeneiza comportamentos.

O trabalho de análise realizado no percurso desse estudo teve como bússola a pesquisa bibliográfica de obras referentes às questões apresentadas. No entanto, para elucidar os conceitos e problematizações que surgiram no curso desse processo foram empregados grupos focais, realizadas entrevistas e aplicados questionários semiestruturados em duas escolas públicas do município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Os grupos focais foram organizados com os gestores das escolas, professores, alunos e pais. Os encontros foram realizados quinzenalmente no período de oito meses. As entrevistas foram realizadas, igualmente, com os gestores das escolas, professores, alunos e pais. Os resultados parciais da pesquisa sugerem que há uma divergência entre os objetivos e mecanismos disciplinares das escolas pesquisadas, representadas por seus gestores, e as necessidades e expectativas de seus alunos. Sessenta e sete por cento (67%) dos alunos declaram não entenderem o sentido dos mecanismos disciplinares da escola, gerando a não apropriação do espaço escolar por parte do alunado.

Diante do exposto, a pesquisa ratifica sua relevância, a partir da urgente discussão sobre os aspectos disciplinares na escola diante das novas subjetividades, que muitas vezes encontram na indisciplina a voz que precisam para requererem mudanças. Afinal, escola para quê?

Referências bibliográficas:

- AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BOARINI, Maria Lúcia. *Indisciplina escolar: uma construção coletiva*. Psicol. Esc. Educ. vol 17, nº 1, Maringá, Junho 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*; tradução de Raquel Ramallete. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2013;
- _____. *Ditos e escritos, volume IV: estratégia, poder-saber/Michel Foucault*; organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. *O Sujeito e o poder*. In: Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Grupo Editorial Nacional 2. ed., p 273 - 295, 1982.
- TAILLE, Yves de la. *A indisciplina e o sentimento de vergonha*. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas / organização Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1994.